XXVII ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI SALVADOR – BA

FILOSOFIA DO DIREITO

CLARA ANGÉLICA GONÇALVES CAVALCANTI DIAS

JEAN CARLOS DIAS

LEONEL SEVERO ROCHA

Copyright © 2018 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejamquaisforemosmeiosempregadossemprévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais
Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI
Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro
Prof. Dr. Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina
Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo
Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal (suplente)
Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - IMED – Santa Catarina
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará
Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM– Distrito Federal
Relações Internacionais para o Continente Americano
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goías
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba

Eventos:
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch (UFSM – Rio Grande do Sul)
Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho (Unifor – Ceará)
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta (Fumec – Minas Gerais)

Comunicação:
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro (UNOESC – Santa Catarina
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho (UPF/Univali – Rio Grande do Sul Prof.
Dr. Caio Augusto Souza Lara (ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

---

D597

Filosofia do direito [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/ UFBA

Coordenadores: Clara Angélica Gonçalves C. Dias; Jean Carlos Dias; Leonel Severo Rocha – Florianópolis: CONPEDI, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-621-5
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Direito, Cidade Sustentável e Diversidade Cultural

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Assistência. 3. Isonomia. XXVII Encontro Nacional do CONPEDI (27 : 2018 : Salvador, Brasil).

CDU: 34

Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Salvador – Bahia - Brasil
https://www.ufba.br/

XXVII ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI SALVADOR – BA

FILOSOFIA DO DIREITO

Apresentação

O GT FILOSOSOFIA debateu entre os seus membros e aprovou devido a sua excelente qualidade, em resumo, os seguintes textos:

TRABALHO 1.

Análise da linguagem e direito a partir de Montaigne. Critica a linguagem -afirmando que a função representativa não é tão evidente quanto possa aparecer. No mesmo sentido, afirma-se a respeito da norma jurídica (preocupando-se com o fundamento da utilidade das leis) que o seu sentido linguístico pode ser objeto de reflexão nos mesmos modos dos textos não normativos.

TRABALHO 2.

O trabalho adota como referencial o pensamento de Habermas e propõe uma abordagem democrática inclusiva que exige uma conscientização dos agentes comunicativos para integra-se aos procedimentos deliberativos.

TRABALHO 3.

Analisou de forma crítica a legislação que rege a imigração no Brasil, questionando as classificações legais e analisando várias situações em que essa norma pode gerar dificuldades de intepretação e aplicação.

TRABALHO 4.

O texto defendido defende uma abordagem kantiana da teoria dos princípios na teoria do Direito contemporâneo propondo uma reinterpretação da clássica distinção entre o Direito e a Moral.

Trabalho 5.

O trabalho analisa, segundo o pensamento de Hegel, as ideias gerais da chamada reforma trabalhista propondo uma leitura intervencionista dessas disposições rejeitando a possibilidade de autonomia e liberdade de negociação entre empregadores e empregados.

Trabalho 6.

O trabalho propõe uma reconstrução do pensamento kantiano, adotando uma perspectiva crítica fundada nas ideias de Foucault. Há sobretudo uma exposição a respeito do poder do conhecimento e sua forma de produção no mundo pós-moderno.

Trabalho 7.

O estudo baseado no pensamento de Hobbes indica a tendência atual de construção de estruturas de manipulação no Estados pós-modernos de modo a controlar os discursos e, assim, da própria subjetivação das relações de poder e saber conforme as ideias de Foucault.

Trabalho 8.

O texto apresentado sugere a reconstrução dos conceitos de Estado e Democracia tendo por eixo o debate sobre o direito adquirido, entendido como uma cláusula da estabilização das relações sociais e jurídicas, usando como fundamento uma tentativa de dialogo entre Habermas e Weber.

Texto 9.

O texto sustenta, com base em Hegel que o que marca a idade moderna e a posição que o homem tem que tomar frente a independência diante da autoridade. Examina a construção da subjetividade dos direito humanos sob uma perspectiva hegeliana.

Texto 10.

O estudo examina as relações éticas derivadas de relações tecnológicas de alta complexidade. Propõe assim uma base principiologica a partir do direito como integridade segundo a visão de Ronald Dworkin.

Trabalho 11.

A partir da demonstração de desproporções de representação nas relações políticas, em especial em desfavor dos povos indígenas, usa o instituto processual da suspensão de segurança como veículo para refletir a respeito das relações do biopoder com suporte no pensamento de Giorgio Agamben.

TRABALHO 12.

Reflexão sobre o estado de exceção na concepção de Carl Schimitt. Reflete acerca das democracias contemporâneas a partir da reconstrução da ideia de legitimidade do Estado para afastar a sustentar a manutenção da ordem jurídica vigente face o risco de constituição de um Estado totalitário.

TRABALHO 13.

O texto examina a Liberdade de expressão e de imprensa - direito comparado norte americano e brasileiro. Sugere uma Análise dos precedentes judiciais no Brasil e na suprema corte americana como veículo para sustentar a necessidade de fortalecimento dessa liberdade básica, em especial, no Brasil.

TRABALHO 14.

O texto propõe uma reconstrução do conceito da dignidade da pessoa humana a partir de um exame reconstrutivo do tema no âmbito da história da filosofia geral. Sustenta que não é possível uma percepção exclusivamente normativa, regulada pelo direito, sem recurso a filosofia.

TRABALHO 15.

O texto propõe uma retomada do pensamento de Hans Kelsen sobretudo a partir de uma tentativa de confirmação da dualidade do ser e do dever-ser em seu pensamento. Sugere que essas premissas têm sido mal compreendidas e busca uma revisão a partir da ideia de norma fundamental.

TRABALHO 16.

O trabalho busca analisar o conceito de sanção, iniciando com uma perspectiva política centrada no pensamento de Hobbes e relacionando-o à teoria de Kelsen. O texto sugere que esse dialogo pode ser produtivo para a adequada compreensão do conceito de norma em Kelsen.

TRABALHO 17.

O texto propõe uma análise do Análise do Ar.t 48 da constituição de Weimar como indutor para a reflexão a respeito do limite da ordem política e poder político. Em especial, reflete a respeito da questão da justiça política com base no pensamento de Rawls. Sustenta que seria a saída para unir a autonomia de autodeterminação , que significa escrever as leis nas quais você homem se insere como sujeito e objeto.

TRABALHO 18.

O trabalho propõe uma leitura mais rigorosa do pensamento de Kelsen. Sustenta a base democrática no positivismo político Kelsen sugerindo que uma abordagem consorciada entre a teoria da ciência política e a teoria do direito pode ser necessária para a correta compreensão do autor.

Trabalho 19.

O texto sugere a ideia de macrofilosofia aplicada ao direito, buscando explicar o conceito e cabimento da macrofilosofia na questão social .

A partir daí desenvolve o conceito da visão holística do objeto - algo que abarcasse o objeto com a visão da filosofia e outras áreas . Propõe , assim, a interdisciplinaridade no estudo do Direito.

Trabalho 20.

O texto sugere que que o conceito de dúvida razoável tem impacto na atuação do Juri no Brasil. Critica o termo dúvida razoável e analisa o fato utilizando da jurisprudência norte americana. Analisou O que se espera realmente da figura do jurado; a segurança sobre a culpabilidade do réu e na dúvida razoável.

Prof. Dr. Leonel Severo Rocha – UNISINOS

Prof. Dr. Jean Carlos Dias – CESUPA

Profa. Dra. Clara Angélica Gonçalves Cavalcanti Dias - UFS

Nota Técnica: Os artigos que não constam nestes Anais foram selecionados para publicação na Plataforma Index Law Journals, conforme previsto no artigo 8.1 do edital do evento. Equipe Editorial Index Law Journal - publicacao@conpedi.org.br.

KANT-FOUCALT: ALTERAÇÃO DO CONHECIMENTO MODERNO PARA O PÓS MODERNO

KANT-FOUCALT: CHANGE OF MODERN KNOWLEDGE FOR THE MODERN POST

Camila Rabelo de Matos Silva Arruda
Leticia Maria de Oliveira Borges

Resumo

O presente trabalho estuda como o conhecimento e o saber são desenvolvidos pelo homem moderno e o homem pós-moderno e suas transformações com a finalidade de determinar o campo e as limitações que devem ser observadas no processo de construção de um saber. Representando o ser humano moderno aborda-se a doutrina de Kant e do homem humanista, suas complexidades derivadas deste pertencimento transcendental. No que tange ao homem pós-moderno se busca o estudo de Foucault cujo trabalho concentra-se na história, e nas consequentes alterações de experiências que condicionam o sujeito em razão do tempo e espaço em que este vive.

Palavras-chave: Teoria do conhecimento, Filosofia do direito, Kant, Foucault, Estudo do saber

Abstract/Resumen/Résumé

The present work objective to study how knowledge are developed by modern man and postmodern man and his transformations with the purpose of determining the field and limitations that must be observed in the process of building a knowledge. Representing the modern human being approaches the doctrine of Kant and his humanist man, with all the complexities derived from this transcendental belonging. Whem is studied the postmodern man, Foucault's study is sought, whose work focuses on history, and on the consequent changes in experiences that condition the subject because of the time and space in which he lives.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Theory of knowledge, Philosophy of law, Kant, Foucault, Study of knowledge

1.Introdução

O presente artigo visa investigar a leitura de Michel Foucault (HARWOOD, 2013, P 178 e 179) a respeito da origem do pensamento na virada do século XVIII para o século XIX, com o cotejamento das diferenças que seu pensar sobre o conhecimento pós-moderno possui em relação às formulações modernas de Kant (HARWOOD, 2013, P 88 e 89).

> « Tout ceci, la philosophie comme problématisation d'une actualité, et comme interrogation par le philosophe de cette actualité dont il fait partie et par rapport à laquelle il a à se situer, pourrait bien caractériser la philosophie comme discours de la modernité, et sur la modernite » (FOUCALT 1884, p 35)

O pensamento pós-moderno concentra-se na história, e nas consequentes alterações de experiências que condicionam o sujeito em razão do tempo e espaço em que vive (HARWOOD, 2013, p 178), pois não seria possível haver conhecimento, desenvolvimento de ideias sem que estes estivessem firmemente ligados ao momento histórico vivido quando do seu desenvolvimento. Contudo, o pensamento moderno se sustenta na necessidade de uma constante crítica do mundo que o cerca. O mundo somente então seria válido pois havia sido esmiuçado pela crítica e sobrevivido.

> “Ao lado de seu colega Lévi-Strauss, Foucault rejeitou a ideia de que o conhecimento humano do universo baseou-se na observação do mundo exterior, afirmando que o homem é essencialmente um animal pensante vivendo em um mundo que só lhe é inteligível porque impõe sua ordem ao que vivencia.” (HARWOOD, 2013, p 175).

Com esta alteração de foco forma-se então no mundo pós-moderno um espaço epistêmico novo, diverso do universo moderno, com o seu ponto focal virado à identificação do sujeito e sua conceituação (MARCONDES 2007, p 278). O centro da discussão será então a determinação de qual a mudança de perspectiva que se vê ao passar, na conceituação de sujeito, da pessoa, do mundo kantiano para o mundo de Foucault.

2. A visão filosófica do pensamento humano

Immanuel Kant (HARWOOD, 2013. P 88)., filósofo prussiano, tido como o último grande filósofo do princípio da era moderna, em sua produção realiza uma síntese entre o chamado racionalismo continental, do qual são representantes René Descartes e Gottfried Leibniz com o método do raciocínio dedutivo, e a tradição empírica inglesa produzida por David Hume, John Locke, que valorizam a indução como a melhor forma de produção de conhecimento.

Kant trabalha então a partir do conceito de idealismo transcendental onde deixa claro que todos nós trazemos formas e conceitos *a priori* (MORUJÃO, 200, p 33). Estes conceitos são os que não vêm da experiência, mas que, porém, são sempre utilizados para a possibilidade de uma ampla compreensão concreta do mundo com o estabelecimento do conhecimento, o qual seria de outra forma impossível de determinar. Somente o pensar puro seria o catalisador verdadeiro e detentor do poder de produzir o conhecimento real e absoluto, que é a finalidade de toda experiência aqui analisada.

> "Aliás ninguém se pode desinteressar da metafísica, que se encontra radicada na natureza humana e daí procurar Kant princípios adequados ao pensamento metafísico. Por isso classifica a sua filosofia conto crítica, cuja tarefa fundamental vai consistir na crítica da própria razão: averiguar, como em tribunal, quais as exigências desta que são justificadas e eliminar as pretensões sem fundamento. Previamente à constituição de um sistema metafísico, conhecimento pela razão pura das coisas em si, dever-se-á investigar—o que será tarefa da Crítica da Razão Pura — o que pode conhecer o entendimento e a razão, independentemente de toda a experiência. Trata-se de criticar, de encontrar os limites de todo o conhecimento puro, a priori, isto é, independentemente de qualquer experiência. Deste modo se abrirá um caminho certo para a metafísica que lhe obtenha o consenso dos que se ocupam de filosofia, pois se encontram garantidas a necessidade e universalidade desse saber; estaremos em face de uma ciência." (MORUJÃO, 2001, p 10).

Desta maneira pode-se dizer que através da utilização do juízo sintético a priori não seria possível determinar o verdadeiro sentido das coisas, pois o tato, a visão e a audição não são suficientes para a formação do conhecimento verdadeiro, são responsáveis apenas por um simulacro de conhecimento restrito ao que os sentidos absorvem, o que não nos diferenciaria muito dos animais. Portanto, somente a razão, faculdade diferenciadora dos seres humanos dos demais animais, é que é capaz de iluminar o conhecimento (MARCONDES, 2007, p 212) trazer à tona o que

de mais elevado é capaz o homem. É ela, a razão que nos faz sair do mundo da caverna de Platão (PLATÃO, sem data, p 225-231) e adentrar ao mundo das luzes, como os iluministas chamam o conhecimento.

Entretanto, só é possível se compreender o mundo através da utilização de categorias, só se vê as coisas como são de forma cristalina e concreta, por se dispor de categorias que formam padrões e formas ver o mundo. Como destaca Morujão: “O *a priori* que se busca diz respeito à estrutura do sujeito, a qual torna possível a experiência”.(MORUJÃO 2001, p 12)

No trabalho de Kant há nota-se inclusive um toque de auto isolamento, devido a elevada importância se dá ao juízo *a prior* (MORUJÃO, 2001, P 63). Esta forma de pensar e se comportar isola o pensador do mundo colocando-o dentre de uma redoma previamente estruturada, pois não se admite o conhecer fora da zona de conforto do que é conhecido previamente. Esta limitação cognitiva a categorias pré-definidas, só torna possível conhecer o que já se conhece *a priori*, o que gera, consequentemente, a necessidade de se ter sempre em mente que há variação no tempo e espaço (MORUJÃO, 2001, P 91-104), o que geraria uma ativação diferenciada de categorias pré-existentes. O conhecer sendo então uma nova forma de se pensar objetos já conhecidos, e não novos objetos.

Desta maneira, tentar imaginar qualquer coisa existindo fora do tempo e que não tenha extensão no espaço é um trabalho infrutífero, pois, a mente humana não pode produzir tal ideia. A estrutura da mente realiza pensamentos que sempre se atem aos limites da física pois isso é uma forma de se ater as categorias. Motivo a mais para se afirmar que no pensar kantiano não é possível conhecer fora do espaço e do tempo.

> “Uma análise mais atenta da forma do conhecimento mostra-nos que as formas a priori da sensibilidade o espaço e o tempo não são conceitos, mas intuições, isto é, representações singulares, e quando falamos em espaços ou tempos no plural, não queremos significar espaços gerentes, mas partes de um espaço ou de um tempo únicos. Ambos são intuições necessárias e, por isso, só podemos conhecê-las como as formas originárias da experiência externa e da experiência interna. São formas cognitivas, formas a priori, com as quais se constrói a geometria (o espaço) e a aritmética (o tempo). São elas o fundamento dos juízos sintéticos a priori, garantia da universalidade e necessidade destas disciplinas.” (MORUJÃO, 2001, P 13).

3. O sujeito moderno segundo Kant

Com o intuito de desenvolver o estudo da epistemologia Kant dá início ao desenvolvimento da noção de indivíduo, contudo, não de qualquer indivíduo, mas sim o moderno. Com esta a inovação o autor delimita quem é o produtor do conhecimento que ele deseja estudar. Os escritos de Kant poderiam tender a um conservadorismo, a uma preservação do *status quo,* devido a se situar entre a possibilidade de revolução, com a mudança de toda forma de pensar, ou reforma, com a manutenção da base do pensar somente com uma nova abordagem, da sociedade em que se encontra integrado. O filósofo em análise sempre optava pela segunda, pela reforma. Isto na concretização da filosofia kantiana, significa que a reforma seria então feita pelo sujeito de forma direta e não representativa onde este se apresentaria frontalmente e não seria representado se escondendo, dissimulando que desejava conhecer e criar.

O ponto fundamental de tal construção epistemológica é ser o sujeito moderno, também chamado de indivíduo autônomo não se criar não se desenvolve em algo novo, no âmbito do uso individual da razão. No momento de desenvolver algo no âmbito do pensar o sujeito deveria obedecer, como era pelo autor exemplificado no estudo do tempo dedicado ao trabalho, ali o indivíduo deveria utilizar a razão para exercer sua função, como observador e realizador da vontade alheia e não como crítico. Contudo, no uso público, após o trabalho deveria ele fazer a crítica do que havia observado durante o seu serviço, do contexto de como o sistema de conhecimento onde ele está inserido funciona (MORUJÃO, 2001, P 47).

O sujeito deveria sempre se manter atento ponto que esta não deveria ser uma crítica aleatória, mas sim direcionada para um público qualificado que compreendesse a densidade da crítica feita. Para esta situação se concretizasse satisfatoriamente é necessário que tanto o indivíduo quanto a sociedade possuíssem as categorias *a priori* necessárias para o desenvolvimento daquele conhecimento. O objetivo deste esclarecimento e o alcance da maioridade pelo sujeito, ou seja, não é deixar de funcionar, mas sim ampliar o funcionamento porque só se pode conhecer e só se conhece o que se critica. Desta maneira pode-se afirmar então que o esclarecimento para a forma de pensar kantiano, o conhecimento é do indivíduo esclarecido para o público esclarecido, situação que não impediria o funcionamento da sociedade, mas sim, a transformaria, pois, geraria o pensar moderno.

Para Kant o esclarecimento busca então uma transformação paulatina da sociedade a fim de que esta possa ir se autotransformando através do conhecimento com uma reforma lenta e constante e não uma ruptura brusca como é feita com a revolução. Agora, isto que a princípio, com uma análise superficial e simplista, poderia parecer um liberalismo conservador e acanhado é ao contrário, altamente libertário. Quando Kant diz que o indivíduo autônomo é o indivíduo que se libertou de sua menoridade, infantilidade, da preguiça, da inércia e do medo, é que levariam o homem a exercer a crítica apenas no âmbito privado, se escusando de realizar a crítica no âmbito público da crítica universal, relevante e construtiva, feita por sujeitos já esclarecidos e, portanto, criadores do conhecimento.

Kant está pensando na produção do conhecimento e imbuído de um espírito liberal, quase libertário, pois, o sujeito não usufrui de uma formação de conhecimento feita por outros indivíduos, mas sim, de uma densificação de um pensar realizado pela própria pessoa.

Este então seria para Kant o indivíduo moderno, aquele capaz de criticar e consequentemente aquele capaz de conhecer.

> A crítica da razão acaba, necessariamente, por conduzir à ciência, ao passo que o uso dogmático da razão, sem crítica, leva, pelo contrário, a afirmações sem fundamento, a que se podem opor outras por iguais e verossímeis e, consequentemente, ao cepticismo. (MORUJÃO, 2001, P 77).

Kant define então sua época como a época do esclarecimento, época do sujeito consciente por si e de pensamento responsável pelas suas ações. Realiza então desta maneira a definição tradicional do que vem a ser o sujeito, aquele que tem a coragem de fazer o uso de seu próprio conhecimento. Conhecimento criado e determinado mediante a delimitação de espaço e tempo em que algo pode aparecer, e que este algo pode ter uma determinação. E, sobretudo, é a partir desta intuição do espaço e do tempo que se pode conhecer sinteticamente *a priori*, que é, como dito anteriormente, o modo de conhecer que possibilita a ampliação dos nossos conhecimentos. Desta maneira, o conhecer baseado no tempo e espaço ocupa um lugar privilegiado em Kant, dado que, a possibilidade dos juízos sintéticos *a priori* estarem intimamente ligados com a possibilidade de uma metafísica fundada como ciência (MORUJÃO, 2001, P 79).

É fundamental para a forma de pensar kantiana e a sua construção de conhecimento, reconhecida como filosofia transcendental, entender a percepção sensível. Kant preconiza a cisão entre fenômeno e coisa em si, somente o primeiro possui o conteúdo de tudo o que se pode conhecer. Isto pode ser afirmado, pois, o segundo elemento, a coisa em si, é para o referido autor absolutamente inacessível. Ressalta-se que fenômeno não é ilusão, não é o impensável pelo contrário é o que pode ser pelo pensamento compreendido.

Nas palavras do próprio autor:

> "Quando digo que no espaço e no tempo, tanto a intuição dos objetos exteriores como a intuição que o espírito tem de si própria representam cada uma o seu objeto tal como ele afeta os nossos sentidos, ou seja, como aparece, isto não significa que esses objetos sejam simples aparência. Efetivamente, no fenômeno, os objetos, e mesmo as propriedades que lhes atribuímos, são sempre considerados algo realmente dado; na medida, porém, em que esta propriedade apenas depende do modo de intuição do sujeito na sua relação ao objeto dado, distingue-se este objeto, enquanto fenômeno, do que é enquanto objeto em si "(MORUJÃO, 2001, P 85).

O que apenas vem a corroborar o que aqui é debatido sobre a importância do fenômeno.

4. A visão de Foucault sobre o sujeito

O outro autor que utilizado para o presente estudo sendo contraponto de pensamento, é Michel Foucault, (HARWOOD, 2013. P. 178) nascido em Poitiers, em 1926 e falecido em Paris, no ano de 1984. Foucault trabalhou como professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France de 1970 a 1984. Todo o seu estudo e sua escrita desenvolveu-se em busca da arqueologia do saber filosófico (MARCONDES, 2007, p 276) e da experiência literária com a elaboração de uma análise do discurso que tivesse uma roupagem moderna e despida dos pré-conceitos clássicos.

Destaca-se desde já que devido a sua incansável busca pela modernidade, a morte de Foucault, há quase 35 anos, não tirou a atualidade e relevância de seus estudos. Frisa-se, que mais que não perder a importância, hoje a academia e seus membros estão livres da necessidade de se deter em discursos de cunho maniqueístas, onde deveria se defender um ponto de vista correto a favor ou contra um determinado autor, como durante muito tempo foi feito com Foucault, o que torna

possível a apreciação do conteúdo inovador e moderno de sua obra. Como bem pode-se ver destacado nas palavras de Jean-Jacques Courtine

> "As controvérsias de ontem se acalmaram. O tempo não é mais aquele em que era necessário será favor ou contra Foucault, repeti-lo ou esquecê-lo, desmontar, por toda parte, a seu exemplo, insidiosas máquinas de poder ou denunciar nessa obra o perigoso niilismo do pensamento 68. Novos problemas surgiram que deslocam o espaço das leituras possíveis, colocam a seus textos questões inéditas, convidam-nos a lançar um olhar inquieto sobre o que têm sido **nossas maneiras de ler Foucault**". (COURTINE, 1992. P. 112) (grifo nosso)

Quando o autor escreve de forma destacada "Nossas maneiras de ler Foucault...", tem-se iluminada a possibilidade de diversos ângulos de se debruçar e se pensar sobre a obra de Foucault. No prefácio à segunda edição da obra História da Loucura (FOUCAULT, 1972) responde Foucault sobre o que é relevante e deve estar contido em uma obra de estudo, onde se busca o conhecimento e o desenvolvimento de algum pensamento:

> "Gostaria que um livro, (...), nada fosse além das frases de que é feito (...). Gostaria que esse objeto-acontecimento, quase imperceptível entre tantos outros, se copiasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo, pudesse alguma vez reivindicar direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro deveria ser. Em suma, gostaria que um livro não se atribuísse a si mesmo esse estatuto de texto ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, estratégia e embate ("choc"), luta e troféu ou ferida, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível". (FOUCAULT, 1972, P 10)

O livro, objeto onde o conhecer e o estudo estão contidos em simples frases, deveria ser para o auto a algo mais amplo, deveria ser um discurso, onde o inesperado se encontrasse com o ineditamente pensado para que aí sim se tivesse a construção de algo realmente relevante e alterador do cotidiano na construção de uma nova modernidade. Tal forma de pensar, o conhecer e o construir o mundo faça com que a definição de sujeito de Foucault seja diversa da de seus predecessores. O filósofo que é um homem pós-moderno constrói então uma nova forma de se conceituar o sujeito através de suas práticas, de seus atos para que este então se torne particularmente útil e produtivo. A utilidade do novo sujeito construído por Foucault é a produção massiva e exponencial do conhecimento que ao ser produzido deveria ser antes de

tudo uma explosão de criação e inovação do sujeito pensante, núcleo fundamental de todo conhecimento, produtor e destino deste.

> “Há cerca e dois ou três séculos, a filosofia ocidental postulava explicita ou implicitamente, o sujeito como fundamento, como núcleo central de todo o conhecimento, como aquilo em que a partir de que a liberdade se revela a verdade podia explodir. (...) no domínio do que poderíamos chamar teoria do conhecimento, ou no da epistemologia, ou no da história das ciências ou ainda no da história das ideias, parece-me que a teoria do sujeito permaneceu ainda muito filosófica (...) atemo-nos a este sujeito de conhecimento, a este sujeito da representação, como ponto de origem a partir do qual o conhecimento é possível e a verdade aparece”. (FOUCAULT, 2003. P. 10)

Foucault realiza diversas leituras e estudos de Kant e ressalta em diversos momentos que ao ler Kant, não deseja realizar um estudo analítico da verdade, provando ou rechaçando as teses pelo autor em tela desenvolvidas. Entretanto, deseja sim realizar um estudo do próprio homem, e que nem mesmos ele não traz o indivíduo, o ser humano, como alguém que é desenvolvido a partir de uma simples decisão que vai pela coragem e disposição de espírito (FOUCAULT, 2003. P. 17-19). O que Foucault e seu pensamento pós-moderno faz é mostrar que os sujeitos produtores de conhecimento de forma individual não são o essencial, mas são essenciais sim o conjunto de práticas, experiências que formam estes indivíduos e a coletividade produtora do saber e do conhecer.

É importante destacar que o termo experiência é utilizado pelo autor no sentido de experiência histórica (FOUCAULT, 2008. P. 153-157). No entanto, ocorre que estas mudanças de percepção são alternáveis e alteráveis. Desta forma o que define o sujeito, em uma primeira e superficial análise poderia passar por algo a ser entendido como variável e formas não constantes o que poderia sugerir certa volatilidade. Contudo, estas variações não são fruto de uma inconstância irrefletida ou de uma falta de densificação do conteúdo a ser pensado, pois, são reflexos de situações históricas e geográficas que podem se alterar diversas vezes em razão de fatores distintos. Ressalta-se então que são estas formas que dão o contorno do que em determinado momento é o sujeito, o responsável pelos atos e a consciência do pensamento. Entretanto, quando se tem em tela outro momento do mundo e da sociedade as práticas diversas definem o ser, o sujeito criador de conhecimento, de outra maneira, para que ele se adeque da melhor forma possível a o que é dele exigido como forma de produção do conhecimento.

Desta forma, tem-se então um conjunto de experiências redefinindo o sujeito que está adequado a cada momento histórico. A variação histórica de valores e necessidades sociais, é que torna diversificada e múltipla também a noção de sujeito, pois, só é sujeito o que assim é considerado em determinada época. Por esta razão pode-se afirmar que o homem kantiano, também chamado de homem do humanismo, não pode subsistir no mundo de Foucault, pois, como um homem criado e pensado em um mundo moderno pode sobreviver em um mundo pós-moderno onde os conceitos e a adequação histórica é dispara.

O homem que desabrocha no lugar do homem humanista de Kant é um ser pensante que é o conjunto de suas crenças, atos, valores e práticas. Destaca-se que, mais do que isto, pois, as suas práticas são por si mutáveis. O homem não mais busca sair da imaturidade, da ingenuidade do conhecimento por si, sem contaminação da vida que vive. Tem-se sim um ser que funciona a partir de práticas, atos sociais. Definir então, um alguém que produz algum conhecimento só pode ser realizado a partir de um momento, fixo no tempo e no espaço e que só serve neste preciso instante (YAZBEK, 2012. P 81-90), pois, qualquer alteração no tempo espaço proporcionaria uma consequente alteração no homem em tela.

Realizar um estudo que parta do realizador, produtor, construtor do conhecimento, sujeito, para seu produto, episteme, é o que leva a elaboração de uma Teoria do Discurso. A noção desenvolvida por Foucault de discurso tira a relevância do autor, da obra, de todo e qualquer ponto de apoio que seja prévio a palavra propriamente dita. Foucault deseja com a sua teoria do discurso o retorno da relevância da linguagem, em especial na obra As Palavras e as Coisas. A referida obra de Foucault objetiva interpretar a pós-modernidade, compreender o seu alcance e as transformações por ela realizada. Isto para o autor no desenrolar de suas obras quer dizer, interrogar as condições dentro das quais se tornou possível a maneira pós-moderna de pensar e conhecer, como foi possível se construir um mundo onde o homem pós-moderno poderia criar e desenvolver seu pensar inovador.

> “Os métodos de interpretação fazem face, pois, no pensamento moderno, às técnicas de formalização: aqueles, com a pretensão de fazer falar a linguagem por sob ela própria e o mais perto possível do que, sem ela, nela se diz; estas, com a pretensão de controlar toda linguagem eventual e de a vergar pela lei do que é possível dizer. Interpretar e formalizar tornaram-se as duas grandes formas de análise de nossa época: (...) se a exegese nos conduz menos a um discurso primeiro que à existência nua de algo como uma linguagem,

> não será ela constrangida a dizer somente as formas puras da linguagem, antes mesmo que esta tenha tomado um sentido? (...) Quanto à divisão entre a interpretação e a formalização, é verdade que ela hoje nos pressiona e nos domina. Mas não é bastante rigorosa, a bifurcação que ela delineia não se entranha suficientemente longe em nossa cultura, seus dois ramos são demasiado contemporâneos para que possamos dizer sequer que ela prescreve uma simples escolha ou que nos convida a optar entre o passado que acreditava no sentido e o presente (o futuro) que descobriu o significante." (FOUCAULT, 1999. P. 413)

> "A relevância crítica da linguagem, que compensava seu nivelamento ao objeto, implicava que ela fosse reaproximada, ao mesmo tempo, de um ato de conhecer isento de toda fala, e daquilo que não se conhece em cada um de nossos discursos. Era necessário, ou torná-la transparente às formas do conhecimento, ou entranhá-la nos conteúdos do inconsciente". (FOUCAULT, 1999. P. 414)

Foucault é produto de uma forma de pensar que constitui uma herança teórica com início nas primeiras décadas do século XX. O século XX ficou conhecido como o produtor de pensadores contestadores de formas tradicionais de se pensar a história, em especial, a história das ciências, pois, a nova forma de pensar e compreender o mundo ao redor e seus fenômenos não mais busca desenvolvimentos lineares, previsíveis e constantes, não mais se contentam com grandes causalidades, é necessário que haja explicações que ofereçam coerência para o mundo e suas ciências. O pensamento e o conhecimento não mais se ocupam com simples fatos, em contrário, se ocupam com os conteúdos formados a partir de experiências vividas e sentidas pelo homem pós-moderno, ou seja, especificamente por um sujeito individualizado um tempo-espaço preestabelecido e de antemão conhecido.

O interesse de Foucault centra-se no discurso real, pronunciado e existente. O seu método visa à definição dos principais objetos: o discurso, o enunciado e o saber através do estudo da história:

> "(...) em nossos dias, a história é o que transforma documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia para a descrição intrínseca do monumento." (FOUCAULT, 2008. P. 155)

5. O estudo epistemológico na teoria foulcatiana

No estudo da história das ideias, da epistemologia, podem ser encontradas características precisas que delimitam o pensar francês do século XX. Na obra de Foucault, “A Arqueologia do Saber”, o filósofo se propõe a uma tarefa muito pontual, nela ele descreve epistemes (FOUCAULT, 2008. P. 4), múltiplos saberes científicos, cada qual com a sua área de conhecer e objetos precisos. Com o objetivo de alcançar tal intento é essencial que o filósofo se ocupasse de três gamas de conceitos, o primeiro, fundamental na formação teórica foucaultiana, é o discurso.

Foucault o define, na “Arqueologia do Saber”, como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2008. P. 31), sendo, inclusive, este agrupamento limitado a um determinado número de enunciados que além de ser um conceito historicamente definido e concretizado, deveria ser também, uma fração da história, unidade destacável da liberalidade previsível da história e por isso mesmo elemento de descontinuidade na própria história. Desta forma, o discurso coloca-se nele mesmo, o problema de seus próprios contornos, de seus cortes, de suas mutações, dos modos particulares e de sua não perpetuidade, e não é mais algo pacífico e inerte sujeito a um aparecimento abrupto que age de acordo com os caprichos do tempo.

O segundo conceito a ser desenvolvido é a prática discursiva, esta pode ser definida como o “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008. P. 34). E o terceiro elemento a ser estudado e analisado é o enunciado. Este é um elemento que é realizado na forma de um conceito em branco e deixado em aberto por Foucault, uma vez que, para sua compreensão total e verdadeira se depende de uma materialidade constituída em uma estrutura institucional de disposição do poder, o que faz com que a substância do enunciado (FOUCAULT, 2008. P. 45) seja sempre sujeita a modificação em razão da relação tempo-espaço.

Posto estes elementos iniciais, tem-se que para compreender como se realizam as analogias intrincadas entre os enunciados nos campos do conhecer e do saber, Foucault se aproveita de categorias pré-determinadas a partir das quais

identifica como as coisas podem ser faladas e como certos discursos podem ser construídos. Trata-se, enfim, da compreensão da formação da base do modo de pensar de uma cultura numa época específica, para que desata forma os discursos desta sociedade tenham sentido. O autor explicita esta situação de forma precisa no prefácio de “As Palavras e as Coisas”, onde determina que todo discurso obedece a uma ordem pré-concebida.

> “O embaraço que faz rir quando se lê Borges é por certo aparentado ao profundo mal-estar daqueles cuja linguagem está arruinada: ter perdido o “comum” do lugar e do nome. Atopia, afasia. No entanto, o texto de Borges aponta para outra direção; a essa distorção da classificação que nos impede de pensá-la, a esse quadro sem espaço coerente Borges dá como pátria mítica uma região precisa, cujo simples nome constitui para o Ocidente uma grande reserva de utopias”.(FOUCAULT, 2008. P. 9)

Os estudos comparativos dos dois autores em tela demonstram dois recortes na cultura ocidental: a episteme clássica (séculos XVII-XVIII) e a episteme moderna (séculos XIX-XX), à qual a sociedade está inserida. Os dois cortes individualizam as duas maneiras de pensar. As diferenças deles sendo epistêmicas, isto é uma análise de que tipo de questões, de conceitos, de saberes perdem sentido, e que maneiras de pensar tomam seu lugar.

> « Faites attention, dit Kant à ses lecteurs, ce ne sont pas dans les grands événements que nous devons chercher le signe remémoratif, démonstratif, pronostique du progrès; c'est dans des événements beaucoup moins grandioses, beaucoup moins perceptibles. On ne peut pas faire cette analyse de notre propre présent dans ces valeurs significatives sans se livrer à un chiffrement qui permettra de donner à ce qui, apparemment, est sans signification et valeur la signification et la valeur importantes que nous cherchons. » (FOUCAULT,1984. P. 37)

Foucault reconhece ser este um assunto no mínimo duvidoso:

> “Não é fácil estabelecer o estatuto das continuidades para a história em geral. Menos ainda, sem dúvida, para a história do pensamento. Pretende-se traçar uma divisória? Todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel. Pretende-se demarcar um período? Tem-se, porém o direito de estabelecer, em dois pontos do tempo, rupturas simétricas, para fazer aparecer entre elas um sistema contínuo e unitário? A partir de que, então, ele se constituiria e a partir deque, em seguida, se desvaneceria e se deslocaria? A que regime poderiam obedecer ao mesmo tempo sua existência e seu desaparecimento? Se eles temem se seu princípio de coerência, donde viria o elemento estranho capaz de recusá-lo? Como

> pode um pensamento esquivar-se de outra coisa que ele próprio? Que quer dizer, de um modo geral: não mais poder pensar um pensamento? E inaugurar um pensamento novo? “(FOUCAULT, 1999. P. 63)

A sua obra, “A Arqueologia do Saber”, não possui por si só os meios necessários para responder a todos os questionamentos que intrigam o conhecer humano. Desta forma, os conceitos apresentados constituem o motivo de se continuar estudando o conhecer e o saber, para se compreender de forma o mais precisa e ampla possível o que o ser humano é capaz de produzir em termos de conhecimento. Esta é a razão de se analisar a transmutação da análise do saber no plano abstrato e ao utilizar o pensador moderno, em especial no presente artigo, Kant, e se realizar a comparação com o pensamento pós-moderno de Foucault, dotado de maior concretude, buscou-se dar relevância às vivências reais que são constatadas e as consequentes descontinuidades do pensar e do construir o saber. Desta maneira, não se pode ir da modernidade à pós-modernidade em linha reta, com alterações constantes e previsíveis da forma de pensar o saber, é necessário que se compreenda o conhecimento como forma dialética que se altera de forma imprevisível da mesma forma que a sociedade é alterada. Esta, não se constitui no desdobramento aperfeiçoado daquela. Passa-se então do *Texto* ao *Discurso*, o primeiro, o texto está à nossa disposição para ser lido e interpretado, enquanto, o discurso basta a si mesmo e se caracteriza pela simplicidade e evidência.

6. Conclusão

Desde o fim do século XVIII, perdeu-se a crença ilusória do fundamento absoluto do conhecimento. Entretanto, Foucault, vai além ao mostrar a ausência de todo fundamento. Enquanto os modernos baseiam o saber no finito, pode-se afirmar que acordam de um longo sono induzido pelo dogmático. O final do século XVIII viu ainda nascer outra maneira de se estudar o saber, ou seja, de se pensar e construir a filosofia. Neste período não se trata mais de unicamente ocupar-se com o desenrolar das representações. Esta nova filosofia questiona a possibilidade da representação. A figura central desta episteme é Kant, que desenvolve a chamada filosofia transcendental (MARCONDES, 2007. P 213).

Já a análise de Foucault vai mais além, para ele o que as ciências empíricas e a filosofia transcendental cria, são os produtos que constituem um espaço epistemológico tal que, de seu próprio interior, se impõe uma terceira figura, o homem que é requerido pelo próprio contexto do saber moderno e pós-moderno. Não querendo com isto dizer que se tem de volta o humanismo, mas sim o desenvolvimento de um novo ponto de referência para a episteme.

Para Foucault, isto é um novo problema, pois, ao se ter o homem como um foco da epistemologia atual deixa-se claro que no outro lado tem-se a formação de uma nova degradação. O fantasma do dogmatismo, que já foi tão criticado na filosofia kantiana, talvez, não esteja tão afastado do pensamento como se ambiciona, ao contrário, encontra-se, no entender de Foucault, seu lugar de entrada justamente no espaço aberto pela quarta, e mais fundamental, questão posta por Kant em sua Lógica: o que é o homem? Desde História da loucura vemos Foucault afirmar que a filosofia moderna é, em essência, antropológica (FOUCAULT, 1972. P.169). Em “As Palavras e as Coisas”, este argumento vem a ser tese fundamental: “A antropologia como analítica do homem teve indubitavelmente um papel constituinte no pensamento moderno, pois, que em grande parte ainda não nos desprendemos dela” (FOUCAULT, 1999. P. 351).

Kant torna a questão: o que é o homem? Possível de ser respondida com a diferença realizada por Kant entre o empírico e o transcendental. A obra deste autor demonstra a incerteza do lugar do homem no pensamento filosófico moderno. Em vários momentos estudiosos falam e anunciam que por fim se iniciaria uma nova idade do homem, a maturidade finalmente se consolidava. Trata-se, esta afirmação de um resíduo da relatividade proveniente do pensar humanista que transforma o empírico em fundamento e ao mesmo tempo faz do transcendental objeto. As situações de ambas as formas de pensar tentam tornar definitivo uma maneira de conhecer que desde seu fundamento deve ser relativizada. Nega-se desta maneira o próprio sujeito da pós-modernidade, o ser fruto de suas experiências, estas mutáveis de acordo com o espaço-tempo de sua existência.

Em relação a esta situação diz então Foucault, “todo conhecimento empírico, desde que concernente ao homem, vale como campo filosófico possível, onde se deve descobrir o fundamento do conhecimento.” (FOUCAULT, 1999. P. 351)

Desta forma para este autor não se deve enclausurar de forma absoluta a colocação do homem no centro do estudo do saber, pois, isto pode vir a constituir a

disposição fundamental que trouxe o pensamento filosófico de Kant até a atualidade. Trata-se sim de colocar o sujeito no lugar devido. O homem deve então ser visto como o sujeito e o objeto do conhecimento. E por esta razão a produção realizada por este elemento é sempre um tanto ambivalente e obscura, pois, não seria nunca uma produção de saber, de conhecimento verdadeiramente livre.

Desta forma pode-se dizer que a transformação de pensar o conhecimento que se vê ao analisar Kant e Foucault é a alegação destes de que o conhecimento não faz parte da natureza humana, o próprio conhecimento também não pressuporia uma relação de afinidade ou semelhança com as coisas como defendia Kant com o conceito de *a priori*. Ao contrário, o conhecimento exprimiria sim relações de poder e dominação, as quais desmistificam definitivamente a ideia de algo unificado (FOUCAULT, 1999. P. 521).

Por essa razão, Foucault chega a afirmar que diferentemente do pensar e conhecer sublimes de Kant se desejar realmente saber o que é o conhecer devemos nos aproximar dos políticos, e não dos filósofos, pois o conhecimento que importa é o que sustenta o poder (FOUCAULT, 2003. P. 126).

Desta maneira, hoje se pode dizer que o conhecimento não é uma faculdade, nem uma estrutura universal, mas sim, o resultado, da análise de certa situação do homem firmada no tempo e espaço.

Assim, o saber seja direcionado ao estudo da religião, da história, da literatura ou do próprio conhecimento não teriam origens metafísicas anteriores aos homens, mas teriam sido criados por eles. Desta forma, o conhecimento que é então desenvolvido por obscuras relações de poder, não faz parte da natureza humana, não é instintivo, intuitivo, mas sim o resultado do confronto entre dois instintos, “uma centelha entre duas espadas, mas não do mesmo ferro que as duas espadas” (FOUCAULT, 2003. P.17).

Foucault então não faz história das ideias nem história das ciências, mas sim, a análise da possibilidade da ordem e da positividade histórica, a partir das quais um saber, um conhecer pode ser esculpido, em teorias e conhecimentos, reflexões e ideias. E é nesse espaço de ordem que, para Foucault, o saber se constitui. E é esta transformação do saber, de pensar puro e subjetivo em pensar inter-relacionado e fundamentador de poder que constitui a principal alteração Kant-Foucault.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, J. J.. Entre la vie et la mort. Apud GIARD, Luce. (org.).MichelFoucault: Lire l'oeuvre. Grenoble, França, ed. Jérôme Millon.1992.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber, tradução de Luiz Felipe Baeta Neves,7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

_____. A história da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

_____. Histoire de la folie à l'âge classique. Paris, ed. Gallimard. 1972.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2003.

_____. « Qu'est-ce que les Lumières ? », Magazine littéraire, no 207, mai 1984, pp. 35-39. (Extrait du cours du 5 janvier 1983, au Collège de France.)

HARWOOD, Jeremy. Filosofia: Um Guia com as ideias de 100 grandes pensadores. São Paulo ed. Planeta, 2013.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Petrópolis, ed. Vozes: 2012.

_____. Crítica da razão prática. São Paulo Martin Claret: 2011.

LEITE, Flamarion Tavares. 10 Lições Sobre Kant, Petrópolis, Editora: Vozes, 2007.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MORUJÃO, Alexandre Fradique. Crítica da Razão Pura de Immanuel Kant. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; Introdução e Notas E notas de Alexandre Fradique Morujão. 5ªed. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa Portugal. 2001.

PLATÃO. A República. São Paulo, editora Escala. Sem data.

YAZBEK, André Constantino. 10 Lições sobre Foucault. Petrópolis, ed. Vozes, 2012.